

MINHA SALA DE ANÁLISE: ALGUMAS IDEIAS SOBRE O ANALISTA QUE PROCURO SER. TEORIAS PSICANALÍTICAS QUE ALICERÇAM MINHA CLÍNICA

| ANTÔNIO CARLOS EVA¹

RESUMO

O autor descreve seu modo pessoal de se colocar como analista, refletindo sobre a experiência de como se faz presente em sua sala de análise. Mostra como privilégio, nesse momento, o preparar-se para estar inteiro em si e voltado para o outro, sempre novo, o qual, ao se tornar presente na interação que se dá na relação analítica, encontra-o atento e disponível a partir do diálogo que mantém, como analista, com as teorias que alicerçam sua clínica.

Palavras-chave: Experiência emocional. O analista trabalhando. A sala de análise.

ABSTRACT

The author aims to describe his personal way being an analyst, reflecting about his experience on his presence in his consulting room. He shows how he favours, at this moment, being fully prepared to be devoted to the others, always new, by becoming present in the interaction that takes place in the analytical relation. He finds the other attentive and available from the dialog he maintains, as an analyst, with the theories that support his clinical work.

Keywords: Emotional experience. The analyst working. The consulting room.

¹ Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

O presente texto tem como objetivo imediato servir de estímulo para que cada leitor possa confrontar sua sala de análise com o que apresento aqui e seguir adiante com as proximidades e diferenças que encontrar; após isso, encaminhar-se para as teorias psicanalíticas que se aproximem das questões descobertas.

Para encontrar o analista que procuro ser, começo por descrever minha sala de trabalho, onde tenho divã, poltrona, mesa e cadeiras, os quais utilizo há vários anos. Começo por descrever um conjunto material que tomo como conhecido, que está instalado em minha mente e que no comum das vezes me permite estar despreocupado com o mesmo.

O conforto vem também do senso de conhecido que esse ambiente me oferece. Está aqui já uma parte mental que me é oferecida pelo conhecido, primeiro como material, e a seguir como um conjunto conhecido que fará contraste e limite com outra parte – o novo – que chega e se apresenta a cada dia.

Há, pois, um contraste daquilo que julgo conhecer e que está presente – sala, móveis e eu mesmo como conhecido –, que me dá conforto físico e mental, que espero que quase desapareça diante do outro que chega. Minha atenção está voltada para o que considero novo e, em especial, o outro, o analisando, o qual chega ali pela primeira vez; idealmente, sempre pela primeira vez.

Faço, inicialmente, uma divisão pessoal entre o que conheço física e mentalmente e o que está ali pela primeira vez a cada dia.

Como pode ser o outro novo a cada dia, física e mentalmente, isto é, no seu todo para mim? E para quê?

Acompanhando essa primeira ideia que ofereço, como posso estar presente materialmente na sala e construir uma fronteira, uma divisão com o outro, não só materialmente, mas também psiquicamente?

Quais as condições necessárias e suficientes para estarmos os dois, discriminados, sempre na minha perspectiva, no mesmo espaço e tempo?

Para alcançar esse ponto, cuido, certamente, primeiro de mim, pois sem estar me percebendo discriminado, não há outro distinto. Forma-se, no lugar disso, um todo confuso e indiscriminado, que dificulta bastante a contribuição de cada um.

Para descrever essa separação, que se compõe de várias dimensões, vou tomar como modelo o aviso que recebemos nos aviões para o caso de despressurização de oxigênio. Diz o aviso: primeiro oxigênio para mim, através da máscara, e só depois atenção para o outro.

Levado para o campo mental, primeiro oxigênio mental para mim, a seguir, se for possível, verifico como o outro se apresenta, como está aos meus olhos mentais. E lhe ofereço o que percebo através da minha presença nova. Insisto que não é qualquer presença, mas presença nova, apoiado na ferramenta que espero estar usando no meu trabalho psicanalítico. No caso, me ponho atento em relação a ele para fazer uma hipótese inicial sobre que presente percebo na sala.

Creio ser evidente que a linguagem verbal faz parte deste conjunto, e é de grande uso para fazermos sínteses e acompanhamento da experiência em andamento.

Quem dos dois estiver apto nessa relação, em função de fatores variados, fará uso da palavra ou de algo que a substitua.

Quero tornar claro que a relação inclui mais do que o verbal e que certamente influi no que é percebido e, conseqüentemente, no que é dito. Falo, portanto procuro informar e descrever para o outro o presente que estou vivendo. O analisando fará como melhor puder a sua parte, pois tem inteira liberdade para se expressar.

Eu insisto: como analista, disciplinadamente, apoiado na teoria psicanalítica que uso, estarei voltado para o presente e, mais ainda, dentro do presente – o vértice que expresse conhecimento-pensamento. O conhecimento emocional que vem do presente sintetiza o que procuro como principal ferramenta clínica, apurada pela emoção que capto e vivo ali.

Aparece aqui uma grande diferença. Há, penso eu, uma assimetria na relação

psicanalítica, cada um dos dois procurando o que o trouxe à sala, o que lhe chama a atenção. Eu, da minha parte, procuro atrair, ativamente, o outro para o campo que estou examinando, onde faço hipóteses, anotações; estou atento, aponto curiosidades, faço investigações, ações etc. Tudo para esclarecer o que ali está e me interessa. Para fazer isso, uso a ferramenta que me parece apta para isso.

É evidente que preciso, inicialmente me manter lúcido, calmo comigo mesmo e podendo oferecer, além disso, minha atenção para o outro. Essa parte é o que sobra na atenção, primordialmente, do meu bem-estar. Insisto que preciso estar, antes de tudo e acima de tudo, oxigenado mentalmente, o que chamo de insaturado. Na instauração, falta-me algo.

Eu consigo estar lúcido, calmo, com alguma atenção a oferecer e insaturado, se o outro, ali presente, for visto por mim como novo, despertando minha curiosidade, e sendo suportável a relação emocional que vivo e percebo. Se o vejo velho, repetido, conhecido, devo deduzir que estou sob o domínio de minha memória, que me oblitera a lente para presença nova – componente essencial para o meu trabalho analítico, que procura aprender com a experiência. Com frequência, quando me dou conta da presença de minha memória invadindo o presente e lhe dando a dimensão de conhecido, certamente estou fugindo do desconhecido, representado pelo novo presente. Há novos que são insuportáveis para mim ali no presente da sala. Cabe uma enorme discussão a respeito do estado mental que esboço nesse estado mental que apresento.

A cada intervenção verbal e também nas não verbais feitas por mim e pelo outro, presente na sala, temos a percepção de um fluxo continuado de emoções que necessito acompanhar. Como estou apurando uma hipótese definitiva que me ocorreu, vou também, continuamente, avaliando o que se confirma ou não no correr da sessão. Penso que é importante eu me sentir na sala, disponível para o que acontece sensorialmente, mas, principalmente, para o mental além do sensorial, que ali está se dando.

Digo, assim, que posso encontrar tanto uma confirmação do caminho que estou seguindo quanto a não confirmação dessa hipótese. Sempre terei uma

parcial confirmação ou refutação do que estou vivendo. Interessar-me-ei pelas semelhanças e diferenças que apuro nessa investigação, baseado no modelo teórico-clínico-psicanalítico que utilizo. É ele que me dará as significações que privilegio num todo infinito. Quando tudo vai bem, posso pressupor que a emoção básica em andamento é o conhecimento que me permite pensar e aprender que esse pensamento vindo do presente expressa um todo da sala.

Formar-se-á, ativamente, por interferência minha e do outro, que formamos um par, um novo movimento onde está se iniciando um novo ciclo; está em andamento um movimento psíquico que procuro identificar, disciplinadamente, se ou quando permaneço com oxigênio psíquico. Exercerei, pois, nova atração para a área que me interessa estar: isso é aprender da experiência através de elementos α . Procuro estar no presente da emoção percebida no momento. Isso está apoiado, frequentemente, em relatos verbais e emoções que os acompanham.

A cada novo ciclo há, com muita frequência, perda significativa de meu contato com o outro, que fica no passado e nos dá oportunidade para um presente novo.

Quando identifico a perda e variação, na medida de minhas possibilidades, permaneço na sala, no escuro, insaturado. Caso não esteja nessa condição de trabalho, invento, através do desejo de saber e compreender, algo com o que lanço luz sobre a escuridão para ter alguma certeza calmante. Esses movimentos que acabo de descrever fenomenologicamente são muito semelhantes. Levar-me a um estado de luz, precipitadamente, atendendo medos ou confortos excessivos, ou estar à espera do novo a ser vivido, confundem-se, igualam-se em minha mente, quase como um mesmo fenômeno.

O outro, dependendo do que vive comigo, ou com quem inventa que sou, é de valia

variada para encontrar o campo da experiência emocional na área do pensamento. Por vezes colabora ativamente, descrevendo como vive a situação e como se vê nela. Em outra dimensão, pode estar também no escuro, no desconhecido, e irá tratar com suas ferramentas mentais.

Necessito, na perda do conhecido, o que recebo e percebo do outro, sem esquecer que isso comporta dimensões variadas, com muitas funções para o presente da sala. Claro que a variedade da função depende dos componentes que fazem parte dessa presença e como cada um dos dois a vive. Posso ser confirmado ou refutado naquele momento através do significado que represento, e não apenas pelo conteúdo verbal que possa oferecer. É importante para mim discriminar em que campo me percebo e que sentido dou a esse campo.

Estou atento, pois, permanentemente, ao solo fugidio em que me encontro e no qual procuro caminhar utilizando minha intuição. Intuição é outra função importante que me aponta caminhos possíveis ali presentes e vividos pelos dois.

É bastante difícil, com as condições que esbocei, criar uma história com começo, meio e fim e que contenha certa lógica e coerência.

A função psicanalítica que estou propondo caminha para que haja experiência emocional presente e compartilhada pelo par. Cada um dos dois fará uma junção do que vive ali e, com isso, necessariamente, teremos dois enredos, baseados nas personalidades que ali se encontram. Serão, pois, pessoais e diferentes.

Como disse, esse é o caminho que procuro seguir em busca do analista que quero ser; não é demais afirmar que sempre estará incompleto.

O ESTRANHO TRABALHO DO ANALISTA: ME ALUGO PARA SONHAR¹

| PETRÔNIO MAGALHÃES²

RESUMO

Partindo do livro *Doze contos peregrinos*, de Gabriel Garcia Márquez, procuro seguir o percurso que foi motivado pela curiosidade despertada pelo título do quarto conto do livro, “Me alugo para sonhar”. Com este mote vou examinando o desenvolvimento do trabalho do analista como componente do processo analítico. Início a partir das recomendações de Freud, de 1913, para a montagem do *setting* analítico e o conceito de atenção flutuante. Prossigo acompanhando como esta ideia original de Freud foi sendo desenvolvida por outros autores. Utilizo os trabalhos de Bion e Thomas Ogden, no sentido de se aproximar cada vez mais do que ocorre em uma sessão de análise e do mecanismo terapêutico da psicanálise.

Palavras-chave: Trabalho do analista. Atenção flutuante. Sonho em análise. Thomas Ogden.

ABSTRACT

Starting from the *Strange Pilgrims*, by Gabriel Garcia Márquez, I aim to follow the path that was motivated by the curiosity evoked by the title “I Sell my Dreams”. With this motto, I examine the development of the analyst’s work as a component of the analytical process. I start from Freud’s recommendations in 1913, on the arrangement of the analytical setting and the conception of free-floating attention. I keep track of how this original idea of Freud has been developed by other authors. I use the work of Bion and Thomas Ogden in an attempt to get closer to what happens in a psychoanalytic session and the therapeutic mechanism of analysis.

Keywords: The analyst work. Free-floating attention. Dreams in analysis. Thomas Ogden.

1 Trabalho apresentado na III Jornada de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR, em 01/09/2018.

2 Psiquiatra e psicanalista. Membro efetivo da SPFOR.

No início da década de 1990, tomei o primeiro contato com a obra *Doze contos peregrinos*, de Gabriel Garcia Márquez. Fui tocado logo de início, e ficaram circulando em minha mente trechos e imagens criadas pela leitura. A namorada que tocava saxofone colocando-o entre as pernas, as críticas da avó em “A marca do teu sangue na neve”, a tragédia da ideia alienista e o desespero de quem tem o seu discurso não reconhecido em “Só vim telefonar”, o sonho infantil em “A luz é como água”.

Às avessas, após a primeira leitura do livro descobri o prefácio, “Porque doze, porque contos, porque peregrinos”, um primor que mostra o processo criativo, o desenvolvimento de um sonho, o caminhar de lembranças/restos diurnos à criação de uma trama imaginativa, um sonho que, entre esquecimentos e lembranças encobridoras, vai tomando forma, a qual, plena de (ir)realidade, traz uma comunicação aberta ao contato com o leitor/outro, fértil em novos desenvolvimentos.

Nesse prefácio, Garcia Márquez mostra o incômodo que as ideias e lembranças de seus períodos de vida como estrangeiro trouxeram a ele e sua dificuldade em dar forma a elas. Primeiro, guardando-as em manuscritos, em caderno cedido pelos filhos, passa a falar de sua dificuldade em dar continuidade ao projeto; não sabe o que fazer com o que havia iniciado. Relega o caderno ao esquecimento até que ele seja perdido. Após se dar conta da perda, relata o desespero em tentar reencontrar o caderno e com ele o temor de ter perdido uma riqueza. O ter de se conformar que “ele se foi” e, a partir daí, ir em busca de reconstruir o que havia sido perdido.

Depois de tudo reescrito, antes de ser publicado, Garcia Márquez decide revisitar as cidades em que ele havia morado e citado nos contos. Fica impactado ao descobrir que aquelas cidades não existiam, que sua imaginação já as havia transformado. Diante dessa constatação, retorna e reescreve os contos, agora com muito mais fluência e liberdade, solto ao sonho, à capacidade criativa.

Destes, um ficou vez por outra me visitando; não o texto do conto em si, mas o título – “Me alugo para sonhar”. Essa breve frase se tornou um convite curioso que me fez, muitas vezes, pensar sobre minha atividade com meus pacientes,

sobre a sessão analítica, sobre o que acontece quando duas pessoas – analista e analisando – decidem empreender uma experiência na qual o desconhecido/estranho é o motivador do encontro.

Como nos contos de Garcia Márquez, essa ideia ficou peregrinando em minha cabeça e, de vez em quando, esbarrava em outros títulos/ideias, “Esta arte da Psicanálise - Sonhando sonhos não sonhados e Gritos interrompidos”, do Thomas Ogden, e “Quem é o sonhador que sonha o Sonho?”, de James Grotstein, para citar alguns, tendo como pano de fundo sempre presente as “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise”, de Freud (1912).

Finalmente, com o tema da nossa jornada, vi que era o momento de mergulhar um pouco mais no possível sentido guardado na curiosidade que foi inicialmente desperta.

Mas do que é mesmo que estou falando?

Qual é, neste momento, o objeto da minha curiosidade?

Freud, no final do século XIX, na busca de tratar/entender o que acontecia com as histéricas que o procuravam e que eram um desafio para a neurologia da época, embrenhou-se, juntamente com Breuer, em estar com elas Tateando um caminho, ouvindo suas histórias, aceitando suas sugestões, imaginando conjecturas e, em parceria com elas, foi inventando uma nova forma de relacionamento humano, a relação analítica, o encontro que se estabelece no *setting* analítico.

A relação analítica, herdeira da relação médico-paciente, não é de amizade, familiar, de trabalho no sentido estrito. Tanto é assim que, em 1912, Freud sentiu necessidade de explicitar, em forma de recomendações, a montagem de um ambiente no qual essa relação pudesse acontecer, sugerindo ao pretense analista a busca de um estado mental que nele, analista, favorecesse o processo.

O que passou a ser chamado de enquadre/*setting* é a composição de um conjunto de procedimentos que incluem aspectos, tais como local, hora, frequência,

honorários e disposições para analisando e analista – livre associação e atenção flutuante –, uso do divã com o analista sentado atrás, fora do alcance visual do analisando, que fundam uma nova tópica de funcionamento para favorecer o tratamento e para a criação de um espaço onde um processo, o processo analítico, pudesse ter curso. Quem coloca essa questão com muita precisão, e de uma forma muito bonita, é Andre Green (2008), que em *Recomendações para uma psicanálise contemporânea* fala que o enquadre é a concha que guarda a joia que é o processo analítico.

Penso que, ao ser inventado e desenvolvido, o processo analítico trouxe em seu âmago “o estranho trabalho do analista”.

Em primeiro lugar, por que estranho? O termo estranho ganha, em psicanálise, um sentido especial quando, em seu fértil texto de 1919, Freud decide abordar a questão da angústia seguindo o fio da palavra alemã *unheimliche*, com seu duplo *heimliche*, “estranho familiar”, a impressão assustadora que se liga a coisas (des) conhecidas há muito tempo e familiares desde sempre. Esta impressão assustadora surge na vida cotidiana e na comoção estética quando complexos infantis recalcados são bruscamente despertados. Freud liga essa estranheza a alguns temas, ao complexo de castração, à figura do duplo, ao movimento do autômato. Trazendo para a relação analítica, o analista está, muitas vezes, colocado no lugar do “estranho”, receptor de projeções, lugar de descarte, endereço para onde são encaminhadas sensações não nomeadas, em busca de sentido, ideias recalcadas. Penso que este lugar de “estranho” ao qual a psicanálise por essência sempre estará ligada é, em parte, responsável pelo olhar de desconfiança e resistência que a ciência tradicional dedica ao conhecimento psicanalítico.

Então o analista está posto em uma estranha tarefa, qual seja, a de buscar apreender o *unheimliche*, sendo muitas vezes o que nele habita. Freud, em suas recomendações, apresenta um caminho (diria mais, uma vereda, uma vez que é estreito, esperando por ser construída e cercada por mares e florestas), a “atenção flutuante” que para ele se tornou útil na tarefa de analisar.

Mas o que seria mesmo atenção flutuante? O termo aparece logo no início

das *Recomendações*, quando Freud vai falar do esforço de memória que seria necessário ao médico que atende a vários pacientes. Diz que sua técnica “consiste apenas em não querer notar nada em especial, e oferecer a tudo o que se ouve a mesma atenção flutuante”, e continua: “[...] (agindo assim) escapamos a um perigo que é inseparável do exercício da atenção proposital. Pois, ao intensificar deliberadamente a atenção, começamos também a selecionar em meio ao material que se apresenta [...]. Justamente isso não podemos fazer; seguindo nossas expectativas, corremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos; seguindo nossas inclinações, com certeza falsearemos o que é possível perceber” algo semelhante a sem memória e sem desejo.

Essa proposta de uma nova tópica para o analista, em correspondência ao que é proposto ao analisando (associação livre), abre um novo campo, pleno de possibilidades. Lança o analista a procurar manter a influência consciente longe de sua capacidade de observação e “entregar-se totalmente à sua memória inconsciente [...] escutar e não se preocupar em notar alguma coisa” (Freud, 1913). Mas como isso é possível? O que seria mesmo “memória inconsciente”? Assim, está posto que todo esse movimento deve convergir para criar no analista uma contrapartida para o que se espera do analisando. Caso o analista não proceda dessa forma, irá desperdiçar todo o esforço feito por seu paciente. Freud continua: “ele deve voltar seu inconsciente como órgão receptor, para o inconsciente emissor do doente [...] o inconsciente do médico está capacitado a, partindo dos derivados do inconsciente que lhe foram comunicados, reconstruir o inconsciente que determinou os pensamentos espontâneos do paciente”. Então o analista escuta o analisando como quem escuta um sonho, a partir do discurso, em uma abertura ao que o está motivando. Assim, o desenvolvimento do trabalho analítico, que, ao mesmo tempo em que é um processo de busca de entendimento do funcionamento da mente humana, também é um fomento à criatividade, à possibilidade de pensar pensamentos ainda não pensados, de criar a condição para incluir, no campo do pensar, experiências que ainda não foram nomeadas.

Seguindo o fértil caminho aberto por Freud, muitos anos depois, em 1962, Wilfred Bion escreve um artigo que traz importantes desdobramentos para o trabalho analítico. “Uma teoria sobre o pensar” vem como a marca de um ponto

de inflexão no pensamento psicanalítico de Bion. Ali ele apresenta o que vai passar a desenvolver em seus trabalhos subsequentes, na busca de teorizar sobre o desenvolvimento dos pensamentos e de um aparelho para pensar. Partindo da ideia de identificação projetiva de Melanie Klein, ele a concebe como uma forma primitiva de comunicação, que está normalmente presente no início da vida. Descreve esses períodos iniciais nos quais o bebê, ao se relacionar com sua mãe, injeta nela, via identificação projetiva, elementos brutos de percepções ainda não nomeados, na busca de uma mente capaz de contê-los, metabolizá-los e, no devido tempo, devolvê-los. Chama esses elementos brutos, percepções sem colorido simbólico, de elementos beta, aos metabolizados, nomeados, de elementos alfa e ao processo de transformação de um no outro de função alfa.

Os elementos alfa podem ser armazenados na memória; são elementos mentais e podem servir de material para a produção onírica.

Passa, então, a tentar entender esse processo, ao olhar o que acontece com a mãe que recebe as identificações projetivas, associa a condição da mãe de se colocar como órgão receptor da colheita de sensações que o bebê experimenta em relação a si mesmo de capacidade de reverie, algo muito primitivo que se aconteceria bem no início da vida.

A capacidade de *reverie* está associada ao amor da mãe por seu bebê; é parte da função alfa dela e permite uma total abertura à recepção de qualquer identificação projetiva.

Bion passa a usar o conceito de função alfa relacionando-o com a atividade do analista, considerando-o como um instrumento de trabalho na análise.

Dessa forma vai, progressivamente, trazendo seu campo de interesse ao que acontece na relação entre analista e analisando, ao que ocorre quando essas duas personalidades se encontram, ao campo de troca que se dá no *setting* analítico. Então, como já anunciado por Freud, passa a lançar seu olhar à mente do analista.

Como se deu no trabalho de Freud, a elaboração desses entendimentos está ligada

ao trabalho clínico desenvolvido por Bion e a suas próprias experiências de vida. Ele atendeu a pacientes com funcionamento mais precário, psicóticos e borderlines, nos quais percebeu uma dificuldade na condição de elaboração psíquica em fazer um trabalho psicológico. Nessas situações, o paciente se vale principalmente de mecanismos de cisão e identificação projetiva, além de descarga através do corpo, seja em somatizações, ações ou vivências francamente psicóticas, como delírios e alucinações. A fim de receber esta demanda, o analista precisa se valer cada vez mais de sua condição de *continente* às emanações do paciente, tendo à sua disposição todo o seu aparato perceptivo para que possa deixar repousar em si o que foi despertado pelas emanações do paciente e, dessa maneira, poder dar sentido a elas (contido).

Em um de seus últimos trabalhos, *Como tornar proveitoso um mau negócio*, Bion (1979) fala do encontro analítico. Diz que quando duas personalidades se encontram, cria-se uma tempestade emocional. Que é suficiente observar que o ser humano é um animal que carrega intensos afetos agressivos, sexuais, amorosos, e que, sendo assim, é uma ousadia que duas pessoas marquem de se encontrar com uma frequência alta para se trancarem em uma sala se dispondo a que uma delas possa falar tudo o que vier em sua cabeça e a outra se disponha a ouvir, devanear e ir em busca de um entendimento que transponha a barreira do não dito. Desafie a cesura. Aproxime-se do estranho, do recalado, do ainda não pensado. Mas se é assim, uma vez que eles decidiram se encontrar, que essa tempestade emocional ocorreu, devem decidir “como tornar proveitoso um mau negócio”: transformar a tempestade em análise.

A partir do momentoso encontro, quando os dois se acham na sala, cada atitude, gesto, cumprimento, fala/não fala, vai desencadear uma nova tempestade emocional.

Para isso, o analista deve estar sensível à totalidade do paciente, algo que se assemelha a *reverie* materna, uma amplitude de disponibilidade ao que emana do paciente. Assim, o que se ouve não se constitui somente de sons articulados pelo aparelho vocal. Como diz Bion, “o analista necessita está apto a ouvir não apenas as palavras, mas também a música”. Somente com essa disponibilidade ele estará

apto a captar algo que muitas vezes é difícil transcrever; estará se dispondo a seguir o analisando na busca de contato com outra tópica.

Essa abertura não significa um olhar dirigido apenas para as produções do paciente, pois se trata de uma turbulência emocional, de algo que é desencadeado pelo encontro. A abertura é igualmente para o estranho que é despertado no analista. Aqui evito falar logo do despertado na mente do analista, pois, para que algo tome a forma de uma representação mental, um importante trabalho já deve ter sido feito. O trabalho analítico se vale da condição de se deixar navegar por sensações sem querer se livrar delas de imediato, recorrendo a “paramnésias” oferecidas pela teoria, até que algo vá tomando forma e que um novo entendimento vá se anunciando onde antes havia um antigo preenchimento ou uma lacuna a ser preenchida. Por exemplo, um paciente pode dizer que se sente aterrorizado, extremamente ansioso, mas que não tem a mínima noção do porquê. O analista pode se sentir contagiado por esses sentimentos e pressionado por dar alívio imediato, como se ele também não conseguisse tolerar a sensação de ansiedade acrescida do não saber. Bion fala, então, de conjecturas imaginativas, que estão associadas a um primeiro momento de amplidão, à coleta de sensações, devaneios, para seguir em conjecturas racionais, agora mais ligadas à atividade racional.

A abertura para o contato com os sentimentos é algo de extrema importância, pois são eles que vão demandar mais trabalho do analista. Um sentimento é uma das poucas coisas que o analista tem a possibilidade de encarar como um fato. Quando os pacientes embarcam em teorias, fica mais difícil de podermos distinguir realidade de ficção (Bion, 1979). O risco é que o analista também passe a andar com sua maletinha de teoria (a teoria psicanalítica mais próxima dele) e passe a preencher os espaços vazios com as “paramnésias” travestidas de interpretações.

Como acontece no desenvolvimento do pensamento psicanalítico, cada novo acréscimo permite uma nova significação do que está sendo observado.

Assim, o espectro criado pela flutuação em torno do desencadear de associações, a turbulência criada pela proposta de Freud de atenção flutuante, foi progressivamente ampliando a nitidez e, ao mesmo tempo, criando novas questões sobre o que

acontece no encontro analítico e sobre que trabalho feito pelo analista.

Penso mesmo que a experiência analítica é uma viagem acompanhada na qual surgem pelo caminho tanto paisagens conhecidas como inesperadas. O analisando, quando vem procurar ajuda, não sabe que tipo de vivência vai experimentar, não sabe também o que realmente o está fazendo sofrer. Além disso, pode imaginar que a análise vai libertá-lo de todo o sofrimento. O analista, por sua vez, tem pouco tempo para decidir se aceita ou não aquela pessoa como seu paciente e, embora possa ter alguma ideia inicial do que vai encontrar, o caminho da experiência também é um mistério para ele. Como diz Ogden, é nesse espaço potencial que surge o “terceiro analítico”, um sujeito criado conjuntamente por analisando e analista cujos pensamentos e sentimentos são experienciados pelo analista na forma de seus sonhos acordados (devaneios). Assim, essa experiência, que provavelmente é a mais interessante invenção de Freud, o ter criado uma nova forma de relacionamento humano, vai permitir um tipo de intimidade que até o momento o analisando ainda não havia experimentado. Essa intimidade deve ser propiciada pelo aceite da associação livre, pela presença dos dois na sala de análise, pela situação especial na qual essa presença é vivenciada, pela presença do analista dotado de um aparelho perceptivo e que tenha abertura para receber o movimento transferencial do analisando. Se assim acontecer, o analisando pode ter a oportunidade de se deixar ser conhecido por outro como nunca antes, esse conhecimento feito por meio do outro que o conhece vai criar uma condição para que ele também possa passar a se conhecer de forma como antes não conseguia.

Premiado no congresso da IPA de 2005 como o melhor artigo publicado no ano de 2004, “Esta arte da psicanálise - Sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos”, é um artigo no qual Thomas Ogden, utilizando a ideia de sonho/*reverie* na forma que Bion propõe em seu trabalho de 1962, fala que o trabalho do analista está em ajudar o paciente a sonhar sonhos interrompidos e não sonhados.

Em suas palavras:

Sonhos interrompidos (pesadelos metafóricos) são experiências emocionais com as quais o paciente é capaz de realizar um trabalho psicológico inconsciente genuíno, entretanto o sonhar do paciente (sua elaboração psicológica inconsciente) é interrompido em um ponto onde a capacidade de sonhar é sobrepujada pela natureza perturbadora do que está sendo sonhado. Neste ponto o paciente desperta, isto é, deixa de ser capaz de continuar empreendendo uma elaboração psicológica inconsciente [...] os sonhos não sonhados são experiências emocionais com as quais o paciente é incapaz de realizar trabalho psicológico inconsciente. Experiências insonháveis ocorrem em estados psicologicamente dissociados, tais como momentos de autismo ou psicose, transtornos psicossomáticos ou perversões graves. (Ogden, 2010, p. 44).

Assim, a meta da psicanálise não é simplesmente que o analista sonhe os sonhos insonháveis do paciente; esse é um meio pelo qual se busca um fim, que é propiciar ao paciente que ele desenvolva a sua capacidade de sonhar sua experiência sozinho. O final de um processo analítico é, assim, mais determinado pelo grau com que o paciente se tornou capaz de sonhar sua experiência sozinho do que pela resolução de um conflito intrapsíquico (Ogden, 2010).

Circulando de volta ao começo, no prefácio dos *Doze contos peregrinos*, Garcia Márquez dá uma ideia de como experiências vividas, sensações acumuladas no percurso da vida podem ir tomando forma. Fico, por vezes, perguntando-me como seriam os contos perdidos no caderno. Como teria ele descrito as cidades que imaginou nos contos que serviram de base para os escritos finais? E a experiência realmente vivida? Essa já não interessa; o poeta dedicou aos leitores sua condição de sonhador.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. (1994). Uma teoria sobre o pensar. In: *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1962).
- Bion, W. (1983). Como tornar proveitoso um mau negócio. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo: 13: 467-478. (Trabalho originalmente publicado em 1979).
- Freud, S. (2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). O inquietante. In: *História de uma neurose infantil: "O Homem dos Lobos": além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- García Márquez, G. (2018). *Doze contos peregrinos*. 28 edição. Rio de Janeiro: Record.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. São Paulo: Imago.
- Ogden, T. (2010). *Esta arte da psicanálise. Sonhando Sonhos não sonhados e Gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed.
- Ogden, T. (2010). Do que eu não abriria mão. In: *Esta arte da psicanálise. Sonhando Sonhos não sonhados e Gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed.